

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Série de 12 números; pagamento adiantado, 6300

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACITORIAL

HUGO ROCHA

J. MIMOSO MOREIRA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

(TELEFONE 85)

Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto

ULTRAMAR

ÓRGÃO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL



Dr. Oliveira Salazar

A figura do Presidente do Conselho, síntese do pensamento político que regula a actual orgânica da Nação Portuguesa, tem jus à admiração de quantos se interessam pelo futuro do nosso Império Colonial.

Tendo compreendido, como era mister, o que representava a herança sagrada do Portugal ultramarino, o Dr. Oliveira Salazar deixou, no ACTO COLONIAL, a expressão correcta do colonialismo português.

Como Disraeli, na Inglaterra do século pretérito, o actual Chefe do Governo Português dá ao País a certeza de que Portugal não mais poderá viver divorciado do que conquistou, descobriu e, ainda, possui no planeta e de que, formando um todo, saberá, melhor, cumprir os seus destinos no Mundo, honrando o Passado, bem servindo o Presente e melhor preparando o Futuro.

O exotismo na Exposição Colonial

A quatro meses e meio da abertura da Exposição, é difícil dizer-se que isto vai ser assim, que aquilo vai dar-se daquele modo, que esta ou aquela coisa terão este ou aquele resultado.

O imprevisível, quer se queira quer não, é, por via de regra, um dos melhores colaboradores dos pro-

(Continua na 2.ª página)

O “ULTRAMAR”

O ULTRAMAR que hoje aparece como o jornal oficial da I Exposição Colonial Portuguesa, lançado em pleno trabalho de montagem dum mecanismo que é complicado e absorvente, não é, nem quer ser, um simples instrumento de publicidade, com os seus lugares comuns e os seus adjectivos antecipadamente arrumados num canto da redacção.

O ULTRAMAR pretende ser um jornal colonial, capaz de se elevar acima da função publicitária e nivelar-se com a própria função da Exposição — um jornal dedicado servidor da causa colonial portuguesa na sua expressão nacional e superior.

A Exposição pretende ser um certame didáctico, em que a propaganda, cingida à expressão de verdades duma realidade colonial, capaz de promover uma opinião e um sentimento exactos acerca do que somos e do que poderemos ser como povo imperial, seja incisiva, clara e atraente. O jornal quer acompanhar, na esfera da sua actividade e da sua influência, a actividade e influência da Exposição.

Portugal — a terceira potência colonial do Mundo — não tem ainda uma imprensa colonial. Aparte uma ou outra revista, que a maior parte das vezes tem a vida efémera das rosas de Mallierbe, raros e intermitentes periódicos sem condições de vida nem independência de atitudes, a imprensa colonial portuguesa existe apenas na diluição de alguns artigos escassos, que a grande imprensa, sem amor nem interesse visível, alberga nas suas colunas.

Não é evidentemente o novo jornal que vem suprir esta falta. Não resolve um problema. Ajudará apenas a resolvê-lo nas boas condições que resultam da sua própria qualidade e função. Órgão paralelo a um acontecimento nacional, com objectivos da valorização e consagração dum esforço nacional, tem o seu programa traçado no próprio programa dos empreendimentos superiormente nacionalistas.

A oportunidade julgo-a excelente. No alvorecer deste ano de 1934, somos na Europa, e até no Mundo, um exemplo de ordem, de equilíbrio, de firmeza e de organização. Quando o vendaval assola todo o mundo, vai a nossa nau singrando na Política, na Economia, nas Finanças, na vida social, sem abalos temerosos, com nítido espírito de ressurgimento e o rumo desanuviado de grandes preocupações. Na actividade colonial, com possessões espalhadas por quatro partes do Mundo, a nossa situação é invejável sob qualquer ponto de vista porque a encaremos.

Iniciou-se uma obra de arrumação, de equilíbrio de ressurgimento, em plena afluência mundial. E enquanto outras estruturas sólidas gemem e se desconjuntam, enquanto outras nações de tradicional prestígio o perdem na confusão e na balburdia das idéas e dos acontecimentos — a nossa obra fabrica resultados notáveis e prossegue.

Em Portugal — porque tudo é relativo e nem todos se dão ao trabalho de olhar por cima das fronteiras — nem toda a gente sabe isto e muitos dos que o sabem não o compreendem. Outros há que não o querem compreender. Outros ainda, com um critério que é injusto, mas que até certo ponto é humano, pensam que a nossa Dór, por mais pequena que seja, é sempre a maior de todas.

Todavia, sobre os critérios, os juízos ou os simples interesses de uns e de outros há uma verdade que convém mostrar e propagar entre este povo de pessimistas, dentro do qual muitos são também ignorantes.

Por isso a oportunidade é excelente. O ULTRAMAR consagra a servir a causa colonial, a defendê-la, a impô-la, a um povo que necessita, por definição da sua própria missão histórica, que todas as suas unidades sintam o amor das colónias e pensem nas vantagens profundas da sua posse e valorização — aparece quando é legítimo o seu optimismo e quando pode encetar com fé os objectivos de construção, de elevação, de saúde material e moral que o animam neste primeiro número.

HENRIQUE GALVÃO.



Dr. Armindo Monteiro

A figura do Ministro das Colónias, síntese do pensamento político que regula a actual orgânica do Império Colonial Português, tem jus à admiração de quantos se interessam pelo futuro de Portugal ultramarino.

A sua visão de estadista e de patriota, abarcando o horizonte da política mundial, pôde estabelecer para o Portugal da África, da Ásia e da Oceânia as normas de mais conveniência para pautar a sua existência no Presente e abrir caminho mais fácil à sua existência no Futuro.

A recente viagem ministerial a S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique e a Conferência do Império Colonial, em Lisboa, determinaram medidas cujo alcance é desnecessário destacar, tanto se nos impõe a sua grandeza.

A I Exposição Colonial Portuguesa, que muito deve à acção do Dr. Armindo Monteiro, dará ao País uma face nítida de quanto vale a sólida inteligência do actual titular da pasta das Colónias e de quanto se torna eficiente o seu programa de acção no ministério que rege

Efeitos de uma Exposição

São já muitas, felizmente, as pessoas que reconhecem a necessidade de fazer propaganda das colónias na Metrópole, divulgando os seus recursos materiais, a sua evolução económica e os resultados obtidos com a acção, abnegada e patriótica, dos portugueses no Ultramar.

A essa obra, que tem sido pode-

(Continua na 3.ª página)

O exotismo na Exposição Colonial

(Continuado da página anterior)

gramas que se fazem. E o imprevisito, que, às vezes, também, se faz anunciar, pode mudar, integralmente, determinado aspecto, esvaíndo ou avivando traços, carregando ou aligerando situações.

Com a I Exposição Colonial Portuguesa, o imprevisito, necessariamente, terá muito que ver. Será, mesmo, na orgânica do seu êxito irrecusável, um elemento a considerar na categoria das coisas que, por serem fatais, não podem ser evitadas...

Mas, o imprevisito, pelo que se espera à Exposição, é, até, para desejar. E' — porque não? — uma espécie de certeza antecipada de eventos notáveis, certamente grandiosos.

Quere dizer: além do que se espera, já, calcula-se, presente-se, compreende-se que alguma coisa mais há-de vir. Felizmente, esta alguma coisa mais aparece, na antevisão pública, como uma promessa de beleza, de grandeza, de maravilha.

Sabe-se que vai ser bom. Sonha-se, porém, que seja melhor. E o melhor, num certame de que se conhece, apenas, a ossatura geral e — vá lá — um pouco desse fluido espiritual que vai animá-lo, é um acréscimo de vantagens, de gosos, de visões magníficas, de espectáculo, de variedade, de emoção.

E' corrente ouvir-se, entre dois senhores que falam da Exposição, estas perguntas e respostas quasi sacramentais: — Então, a Exposição, é que tal será? — Dizem que vai ser uma coisa nunca vista! — Mas, é será como dizem? — Ou, até, melhor!

Este estado de espírito que não me tem sido difícil auscultar, depõe, eloquentissimamente, a favor do interesse que está envolvendo a Exposição. E é, por assim dizer, um termómetro colocado no ambiente que se forma à volta da iniciativa, dando, progressivamente, altas temperaturas.

Ora, à Exposição — garantem-nos os trabalhos em curso, a tenacidade dos que os empreenderam, orientam e dirigem, o próprio significado do programa traçado — não pode negar-se um êxito retumbante, um êxito em grande, um êxito positivo e indiscutível como um dogma.

E, dentro ou além desse êxito que concebemos, que achamos inevitável, que será, de resto, o corolário feliz de tudo o que se projecta, há, ainda, qualquer coisa que escapa à nossa percepção do que vai ser, que falha à rede dos nossos cálculos, que se projecta, em formas indefinidas, para lá das nossas possibilidades de imaginação.

Tudo isto, que parece muito complicado, é, afinal, duma singularidade infantil, duma transparência de vidro. Cifra-se, tão somente, na impressão, mais ou menos funda, que nos produz tudo aquilo que se anuncia.

E, daquilo que se anuncia, o que está catalogado na série vasta das coisas exóticas contém, naturalmente, a mais forte dose do aliciente e do sugestivo.

O exotismo... Mas, se ele é, em realizações da natureza daquela a que vamos assistir, o factor primeiro do êxito, do triunfo!

Certo, a Exposição abundará de coisas bem feitas, de maravilhas de organização, de prodígios da té-

cnica, dum alto potencial de assuntos que interessam, particularmente, ao cérebro, que farão, sobretudo, considerar na importância do Império Colonial Português, que levarão a pensar: *Como tudo isto é grande! Como Portugal é, na verdade, uma grande Nação!*

E estes pensamentos austeros, infalíveis no visitante português perante o mundo vasto dos mapas, dos cartazes, dos gráficos — projecções numéricas duma realidade de que andamos, quasi, divorciados — germinarão em assombro, pesarão no espirito com a severidade daquilo que se não julgava tão vasto, tão complicado, tão fora do nosso âmbito familiar e conhecido...

O coração, contudo, ficaria palpitando no mesmo ritmo, se nada mais houvesse que desmesurados quadros, que infinitos prospectos, que toda uma imensidade catalogada, seriada, propositadamente posta, ali, para aturdir quem lá entrasse, para deslumbrar pela extensão das cifras, para espantar o burguês provinciano com a cega-rega das superfícies, das populações, dos largos quantitativos da produção, tudo sínteses frias duma grandeza com que a alma não estabelece contacto:

... Angola — tantos milhares de quilómetros — tantos milhões de habitantes — tantas toneladas de café, tantas de açúcar, tantas de coconote... Moçambique — tantos milhares de quilómetros — tantos milhares de estradas — tantas pontes — tantas rupias de superavit...

E o público, quasi esmagado de números, silencioso sob o péso de todas aquelas toneladas, confundido na visão impossível daquelas multidões aborígenes, daquelas imensas quilómetros, deixaria a Exposição convencido de que grandes coisas Portugal fizera e possuía na África, na Ásia, na Oceânia. Transporia os portões, abalado pelo estendal de dados, de cálculos, de estatísticas, gravemente apresentados pelos téc-

nicos, pelos engenheiros, pelos financeiros, pelos profissionais do algarismo, da escala, do traço. E ficaria penetrado, friamente penetrado, de uma importância aritmética, duma relativa magnitude, dum valor quantitativo, duma vastidão uniforme e sem contornos, dum universo que não lograra, ao fim e ao cabo, tanger-lhe o nervo da simpatia, conquistar-lhe o coração, aquecer-lhe o entusiasmo.

Sairia como entrara, com pequenissima diferença. E tudo ficaria rolando, como até então. E o *statu quo ante* marcaria, à marcha do pensamento colonial português, a cadência revulsa da mais olímpica indiferença, aqui e além disfarçada por um compasso de vago interesse, de duvidoso apêgo...

¿O que fará, portanto, desta I Exposição Colonial Portuguesa uma exposição diferente, uma exposição triunfante no cérebro e no coração, uma exposição que domine, que se imponha, que fique?

Primeiro que tudo, acima de tudo, o exotismo que a recheará. ¿Porque triunfou o certame internacional do Parque de Vincennes? ¿Porque era *internacional*, porque se realizava em Paris, porque resumia, em poucos quilómetros quadrados, a actividade colonizadora dumas tantas nações?

Não. Simplesmente, porque as terras exóticas das sete partidas do mundo estavam, ali, em presença real, nas habitações gentílicas, nos corpos de cor, nas falas, nos costumes, nas indumentárias, nas danças, nos cantos, nos panoramas esplêndidos a que não faltava o *ex-libris* das palmeiras e o pêlo fulvo das feras e a marca típica das regiões tropicais.

Isso foi, sem contestação, a razão da vitória, o segredo do êxito, na Exposição Colonial Internacional de Paris.

Isso será, sem contestação, a razão da vitória, o segredo do êxito, na I Exposição Colonial Portuguesa.

O que devia ser, talvez, mero

complemento, simples ilustração do que vai ser mostrado, será, afinal, o *leit motiv* da grandiosa sintonia, o elemento primacial de atracção, a primeira de todas as razões para se visitar a Exposição...

¿Repugnarão aceitar esta *fatalidade*? Creio, sinceramente, que não. E não é mister desculpar o público visitante, o grande público, em suma, porque gosta de espectáculo, porque require teatro, porque prefere a vida latejante, colorida, forte, à representação fria, ao esquematismo duro e anguloso dos gráficos.

Estes — quem o contestaria? — são, mais do que necessários, perfeitamente indispensáveis.

Para se conhecer uma obra é mister somar as cifras que entram na sua composição.

Num certame, então, tudo que seja síntese expressiva — legendas eloquentes que digam algo, números concretos que definam realidades — assume um valor inestimável. Nada se faz, hoje, sem gráfico e sem estatística. E' uma descrição completa que se apreende, quasi só, num volver de olhos.

Mas, sem a nota berrante da vida, sem o apontamento fiel das realidades que se expõem, da exposição resulta, apenas, o estendal de gabinete, do certame não fica mais que o despójo amorfo dos cauletes vazios e das paredes desnudas.

Eis porque a I Exposição Colonial Portuguesa, cultivando, notavelmente, o aspecto exótico que lhe é adstrito, será uma exposição para ficar, para deltar raiz, para abalar, *simplicemente*, emocionalmente, a sensibilidade dos que a visitarem.

Da Guiné, tão pouco conhecida dos metropolitanos, virão *fulas* de estampa, sugestivas figuras tropicais que o nosso indígena considerará com espanto. S. Tomé e Príncipe mandarão os seus *forros*, os seus cacoeiros de larga folha, os seus cafezeiros de baga rubra, a sua vida equatorial e farta. De Cabo-Verde não de chegar-nos as *mornas* lânguidas e os bustos tentadores que se torcerão, bailando-as. Angola, a grande, dar-nos-á tropa negra, missionários, um pequeno mundo com o seu *clima* próprio, com as suas *sanzalas*, os seus *quissanges*, os seus *bataques*. E Moçambique e a Índia e Macau e Timor mandarão, para o Pôrto, pedaços vivos das suas terras ardentes, traços nítidos das suas paisagens, dos seus usos, das suas gentes esquisitas e pitorescas.

E toda esta massa colonial, hábilmente apresentada, posta, em Babel de raças, ante a pupila atônita do espectador, fará, melhor que tudo o mais, atentar, considerar, cismar, perturbando, atraindo, convencendo.

Depois, cada representação terá o seu próprio ambiente. Tudo se concertará para dar, com uma justiça de fotografia colorida e animada, a visão do que é esse mundo português descoberto e conquistado pelos aventureiros, pelos místicos, pelos patriotas das primeiras naus.

Essa grandeza palpável, espectacular, colorida, que fala, que se move, que desvela a alma, que deslumbra o olhar, será, para a Exposição, a primeira de todas as garantias de êxito.

E aí está, pois, a razão porque o exotismo, no certame que se está erguendo, no Palácio de Cristal, para esplendor dentro de poucos meses, conseguirá dar ao significado da I Exposição Colonial Portuguesa o seu verdadeiro, o seu legítimo sentido.

HUGO ROCHA.



Verso e frontispício da plaquette redigida em português, francês, inglês e espanhol de propaganda da Exposição Colonial. Tem sido largamente distribuída pelos principais centros de turismo do estrangeiro e por todos os representantes de Portugal lá fora.

PROPAGANDA COLONIAL

Uma sessão de documentários cinematográficos no S. João Cine, do Pôrto

Comemorando o aniversário do combate de Marracuene, em 1895, a Agência Geral das Colónias promove amanhã, 2 de Fevereiro, uma grandiosa sessão de propaganda colonial, no S. João Cine, obsequiosamente cedido pela sua empresa.

Serão exibidos alguns documentários cinematográficos das nossas colónias, figurando no programa, entre outros filmes, alguns de sugestiva revelação. Ao espectador oferecem-se os detalhes duma viagem à África, desde a partida de Lisboa até S. Tomé, passando depois no *ecran* os aspectos mais pittorescos da vida agrícola desta colónia, produtora de cacau, café e oleaginosas, observando-se a vida intensa das suas roças. De Angola são mostradas algumas fases da sua mais importante indústria — a da pesca. Da Guiné portuguesa divulgam-se aspectos curiosos, com passagem de muito boa fotografia.

A parte relativa a Moçambique compreende aspectos de Lourenço Marques, a cidade mais progressiva da África Portuguesa, proporcionando-se apreciar a magestade das suas avenidas, os seus bons edifícios e a intensidade do movimento das suas ruas e praças.

O filme — Esquadrão de dragões — a prestigiada unidade militar de Lourenço Marques, vê-se com agrado, conhecendo-se o grau de instrução militar que nas colónias é ministrada, mantendo a continuidade da tradição nacional.

No programa está incluído um documentário da Feira de Amostras em Luanda, onde se pode avaliar o que foi esse certame, bom em qualquer parte; uns quadros de Macau pitoresco; os monumentos da Índia, etc.

Assistir a esta sessão é fazer, comodamente sentado num *fautail* do S. João Cine, uma viagem às colónias portuguesas e a Agência Geral das Colónias é credora das nossas simpatias por proporcionar aos residentes do Pôrto uma tão curiosa revelação.

Em projecções fixas, faz-se a evocação das figuras da epopeia militar colonial de 1895 em Moçambique, composição organizada pelo sr. tenente coronel Garcez de Lencastre, Agente Geral das Colónias, que em Lisboa, no Cinema Condes e no Coliseu dos Recreios provocou sinceros aplausos, pelo preito de homenagem a figuras que a reminiscência dos contemporâneos deve manter.

Numa das partes em que o espectáculo está dividido, será corrida também uma cópia do filme de propaganda da próxima Exposição Colonial no Pôrto, que está sendo exibido em Angola e Moçambique.

O espectáculo é abrilhantado por uma banda regimental e foram distribuídas entradas gratuitas aos alunos de alguns estabelecimentos de ensino de ambos os sexos e praças militares da guarnição da cidade, para que à mocidade das escolas e

Efeitos de uma Exposição

(Continuado da 1.ª página)

rosamente apoiada e fomentada pelo Estado, não foi feita a merecida justiça. Os comentários da Imprensa, os dados divulgados em relatórios, as palestras proferidas perante curiosos auditórios e os números das estatísticas, suggestionam, e esclarecem, mas são insuficientes, porque o nosso País dispõe só duma minoria que tem contacto permanente com livros e jornais.

Torna-se necessário divulgar detalhes por forma mais acessível e não há ainda processo mais convincente e completo do que uma Exposição. Reunindo todos os elementos acessórios de propaganda e cultura, utilizando expedientes demonstrativos dos mais variados aspectos, esclarece tódas as mentalidades e oferece ao Povo uma lição que pode ser compreendida sem esforço, dentro dum ambiente festivo.

Deve-se ao actual Ministro das Colónias uma série de iniciativas que muito tem contribuído para crear um ambiente favorável aos territórios ultramarinos. Entre o interesse de alguns e a curiosidade de muitos, está nitidamente marcada uma nova fase na consciência nacional. A importância e o resultado obtido de alguns cometimentos recentes jugularam a indiferença, arejaram preconceitos, renovaram hábitos que a tradição mantinha. Estamos no limiar duma mutação de conceitos, que deve influir na evolução espiritual e económica da Nação.

Entendemos útil esclarecer, mais uma vez, nesta oportunidade, porque no Pôrto se realiza a I Exposição Colonial Portuguesa.

A ideia partiu do Pôrto, dos dirigentes dos seus organismos económicos, que promoveram o «Movimento Pró-Colónias»; solicitando o patrocínio do Governo, oficial e material, foi ainda o seu capital que permitiu a organização da «Sociedade anónima da Exposição Colonial Nacional», que prestou a primeira assistência ao empreendimento.

Por outro lado o Pôrto é o fulcro da mais importante zona de actividades industriais e comerciais do País; como é eixo da área mais populosa — precisamente onde a falta de propaganda colonial mais se faz sentir.

Sendo uma cidade pitoresca, com cunho próprio, bem servida de comunicações, com arredores lindos, habitada por uma população briosa, dispondo dum local esplêndido para um certame da natureza do que se está organizando — não é favor, antes foi um acto de justiça, conceder-lhe a localização para a Exposição Colonial.

Vai, evidentemente, colhêr bons frutos da realização. Um certame, com as características de nacional, movimentação muita gente e dinheiro. São, no início, os trabalhos de montagem, interessando vários fornecedores, artistas e operários. E' depois o

funcionamento, dando vida ao burgo, empregando pessoal, divertindo residentes e atraindo forasteiros.

Viu-se recentemente com a Exposição Industrial (especialmente no primeiro ciclo) quanto Lisboa recolheu de benefícios. Movimentaram-se transportes de tóda a ordem: combóios, camionetas, automóveis particulares e de praça, carros eléctricos e vapores da travessia do Tejo; animaram-se hotéis, pensões, restaurantes, teatros, cafés, cinemas e centros de recreio; sentiu a afluência de negócio todo o comércio da cidade, sendo de notar que esse movimento se deu numa época considerada fraca para transacções. E' que uma Exposição, sendo um poderoso atractivo, não impede que residentes e forasteiros deixem de frequentar outros divertimentos, visitem museus, observem monumentos, dêem passeios nos subúrbios, desajem conhecer casas de espectáculo e pontos de divertimento. Até mesmo os que já os conhecem, porque os encontram animados são arrastados por essa corrente determinada pela socialização.

Se a finalidade espiritual e cultural dum certame é digna de ponderação, o aspecto material nada perde em ser focado. Estabelecido o equilíbrio, pode argumentar-se, sem contradição, que não há ainda nenhuma modalidade competitiva em matéria de propaganda, devendo considerar-se como bem empregados todos os encargos que uma Exposição possa acarretar, pois além dos resultados imediatos, há a considerar outros paralelos ou futuros

aos soldados seja dado conhecer detalhes do ultramar, exactamente como sucedeu há dias em Lisboa, no Coliseu dos Recreios, numa sessão do mesmo género e com êxito fim.

A acção da divisão de Propaganda Colonial da Agência Geral

através de exposições, sessões cinematográficas e publicações é já notável, numa persistente campanha de alguns anos e digno de nota se torna verificar que ela não se concentrando em Lisboa, promete alargar-se, como é mister, às Províncias de Portugal.

Precisamente por resultados futuros parece-nos não ser ocioso lembrar o que do certame pode resultar ainda para o Pôrto.

Duma Exposição algo fica sempre e desta pode resultar — além duma sugestiva lição de colonialismo, que vai ser proporcionada a tódas as classes do Povo Português; e do resultado material que à cidade do Pôrto e localidades limítrofes pode advir da corrente de visitantes; a criação dum sector de acção permanente, que seja continuador do empreendimento.

O sr. Ministro das Colónias criou já as «Casas do Ultramar» em Lisboa e Pôrto. A montagem da que funcionará na capital do Norte pode preencher este objectivo, continuando o ambiente fomentado pela Exposição e assistindo às actividades económicas regionais.

Também não é prematuro admitir a criação duma Escola elementar colonial, servida dum pequeno museu etnográfico e da estufa, dotada de plantas tropicais, que podem ser montados no Palácio de Cristal — oferecendo à mocidade nortenha um meio de preparação aos que se destinem a exercer profissões no ultramar.

A I Exposição Colonial Portuguesa tem de ser, por tudo isto, encarada como uma grande manifestação de vitalidade, de forte poder nacionalista e construtivo, perfeitamente integrada na finalidade e pensamento do actual Governo.



Projecto do templo indio que vai ser construído no bosque do Palácio de Cristal. Será guardado com baldaieiras e murgangueiros (mústcos), que propositadamente virão da Índia

MIMOSO MOREIRA.



O CERTAME x EXPRESSIVA LIÇÃO DE COLONIALISMO

A ideia da realização dum grande certame colonial no nosso país surgiu após o sucesso alcançado pela representação de Portugal Ultramarino na notável exposição internacional de Vincennes.

Era necessário repetir dentro da nossa terra o que lá fora constituiu, sob todos os aspectos, uma expressiva lição de colonização da raça lusa dada com briosos lé, vigoroso colorido e eloquência de esclarecimentos às centenas de visitantes que das cinco partes do Mundo acorrem, nessa ocasião, à capital francesa.

Alguns meses passaram, sem que o assunto voltasse a ser tratado, mesmo em simples locais, nas gazetas. Julgava-se a iniciativa adormecida ou fracassada por impraticável.

Há pouco mais de ano e meio, após as sucessivas revelações sentidas com admiração pela travessia de Angola, achei oportuno interrogar o sr. Ministro das Colónias sobre o que havia do projectado e palpitante assunto. Fôra isso em pleno Dundo. Terminara a visita aos magníficos armazéns gerais da Companhia dos Diamantes. No pequeno jardim que rodeia esse pavilhão e sob a luminosidade daquela manhã de inverno africano, o sr. dr. Armindo Monteiro manifestava-me então toda a sua viva simpatia pelos membros da Comissão Pró-Colónias e assegurava-me que a Exposição era uma ideia em marcha, pois mesmo durante a sua jornada pelo Continente Negro não deixaria de trabalhar no estudo e na composição de elementos que no certame teriam de participar.

O Pôrto seria, evidentemente, o local preferido para a sua instalação. A promessa — olhada a distância já percorrida — não se limitou a uma vaga fantasia. Findo o cruzeiro da África, arrumados os mostruários das Feiras de Amostras de Luanda e Lourenço Marques — que

constituíram uma revelação e um êxito notáveis — tratou-se de cumprir o prometimento lançado. Prin-

do Pôrto. Acertada escolha. Nada mais oportuno. Nada mais justo.

O Pôrto, terra de nobilíssimas tradições históricas ligadas à admirável época dos descobrimentos, necessitava de catalogar no seu honroso e movimentado álbum, cheio de brilhantes manifestações de trabalho, este certame.

No Norte quasi se ignoram, — apesar da propaganda que patrioticamente nos últimos anos se tem desenvolvido, — as possibilidades das nossas províncias ultramarinas erguidas num nível progressivo pela inteligência, pelo patriotismo e pelo esforço do colono. Muita gente conserva uma ideia imprecisa das coló-

A Lavoira de Entre-Douro-e-Minho à Exposição Colonial

Também a gente cá da lavoira
Sente o Império no coração,
E ao sol do Minho que os campos doira
Também viemos à Exposição.

Ver mais de perto tantas riquezas
Que são o encanto do nosso olhar,
Que produziram mãos portuguesas
Nas nossas terras d'Além do mar.

Como sucede nas tangerinas
Em que um só fruto tem muitos gomos,
Nossas províncias ultramarinas
São portuguesas como nós somos.

Nós, como elas, filhas queridas
De uma só Pátria grande e imortal,
Nós e mais elas, tôdas unidas,
Somos um todo que é Portugal.

Veio connosco pelo caminho
O nosso jeito de trabalhar,
Somos do campo, somos do Minho
Estrada fora sempre a cantar.

E ao regressarmos da romaria,
Que hoje fizemos à Exposição,
Nossas cantigas são de alegria
Cheias de orgulho pela Nação!

CONDE DE VILLAS-BOAS.

cupiava de encetar-se o caminho sempre louvável das realidades.

Ratificou-se como local a cidade

nias, mantida através da recordação incompleta das lições aprendidas mecânicamente nas escolas. Tem-se

ULTRAMAR

E A IMPRENSA COLONIAL

ULTRAMAR, no seu primeiro número, quer cumprir um dever, que não é de mera cortesia porque está integrado na própria essência deste jornal.

Esse dever é o de saúdar, em particular, a Imprensa de Portugal Colonial e, dum modo geral, toda aquela que às coisas coloniais se dedica.

Quem, como os que dirigem e redigem ULTRAMAR, teve ensejo de contactar com os que dirigem e redigem os jornais portugueses ultramarinos, pode aquilatar bem do somatório de esforços que é preciso reunir para desempenho da missão jornalística nas Colónias.

Só um verdadeiro espírito de sacrifício pode permitir o exercício da profissão da Imprensa, dos mais ingratos e dos mais delicados na Metrópole, nas terras longínquas em que se arvora o pavilhão português.

O jornalismo colonial, pois, pelos sacrifícios que impõe e, sobretudo, pela porção de entusiasmo pátrio que leva aos portugueses que mouream sob o sol tropical, bem merece da simpatia, da ternura, da admiração do jornalismo metropolitano.

ULTRAMAR, de resto, por ser um jornal de oportunidade, o órgão oficial duma Exposição que será a estímulo de toda a vida colonial portuguesa, carece do apoio espiritual, dignificando o certame do que faz a propaganda, de toda a Imprensa Portuguesa que, nas Colónias, exerce a sua acção.

Tratando-se duma Exposição que tem, no seu programa, a ligação espiritual mais intensa das terras portuguesas da Ásia, da África e da Oceânia, a ULTRAMAR cabe, de certo modo, o papel de agente de ligação.

Que toda a Imprensa colonial veja ULTRAMAR um camarada metropolitano que, como nenhum outro, sente e compreende as suas necessidades e aspirações e que do seu esforço em prol de Portugal resulte, se possível, maior coordenação para a obra do Império Português.

Querere, também ULTRAMAR saúdar, cordialmente, a Imprensa colonial estrangeira, fazendo votos porque a melhor harmonia reine entre todos os que, no mundo, se votam à defesa e à propagação das Colónias.

A toda a Imprensa, pois, e, em especial, à das Colónias, a expressão da maior simpatia de ULTRAMAR.

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS

Está aberto um concurso de fotografias de assuntos coloniais, — concurso que, pelas suas características, deve interessar, de-veras, os profissionais e amadores.

As fotografias com o formato mínimo de 24 por 36 — serão classificadas pelas seguintes categorias: Paisagens, Etnografia, Caça, Aspectos económicos, Diversos.

Haverá, em cada categoria, 3 diplomas de honra, constituindo os 1.º, 2.º e 3.º prémios.

A melhor fotografia de tôdas as categorias será atribuído com o prémio de 1.000\$000 escudos, o diploma do Grande Prémio.

Além destas recompensas haverá numerosos prémios, a estabelecer oportunamente.

As fotografias premiadas serão depois publicadas na Imprensa.



O sr. Ministro das Colónias, quando da sua visita ao Palácio de Cristal, junto dos membros das Comissões Organizadora e Executiva e Director Técnico sr. tenente Henrique Galvão

uma vaga impressão do que os documentários do cinema nos relatam, dum modo geral, da vida colonial.

E' triste confessá-lo. Pois bem: a Exposição que no Palácio de Cristal se vai efectuar — dentro em pouco uma realidade consoladora — vai agitar animadamente a consciência das populações nortenhas; vai provocar a criação e o desenvolvimento do sentimento colonial.

Com argumentos incontestáveis, esclarecidos num sentido prático, convencerá o País da utilidade de manter e desenvolver as províncias ultramarinas não só sob a faceta moral e política como pelo aspecto espiritual e económico.

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

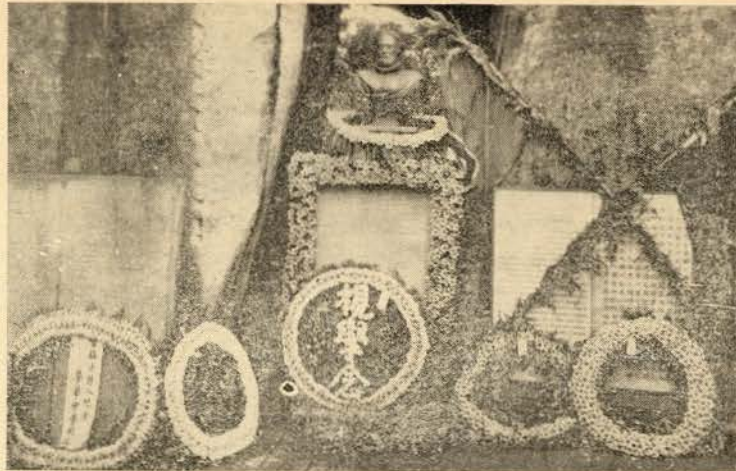
A COMEMORAÇÃO DA BATALHA DE MARRACUENE

Comemora-se a 2 de Fevereiro próximo o 39.º aniversário da batalha de Marracuene, onde a raça portuguesa marcou mais um esforço notável em prol da unidade nacional.

O que foi essa brilhante jornada histórica — que ocasionou a derrocada dos vátuas — di-lo António Ennes no seu livro *A guerra de Africa em 1895*, de onde transcrevemos os seguintes períodos:

«A's 4 horas tocou-se a alvorada. Era ainda noite fechada: apenas da parte do oriente principiavam a esbranquiçar-se as nuvens. Ergueram-se os soldados, que dormiam sob as armas, alinharam-se e o quadrado ficou formado. «Oaco depois, e sem que no bivaque se desse por tal, e sem que agora mesmo se possa reconstruir exactamente a cena, negros ágeis e súbtils como cobras, que se tinham enfeitado nas moitas avizinhadas das sentinelas, de rôjo, colentes, sem fazer estalar um ramo ou um rumorejar em folhede, devem ter fulminado algumas delas com zagaianas certeiras; outros, mascarados com os capotes e os bonés do piquete que saíra a talar o campo e não voltara, terão passado surreitamente pe os postos, falando-lhes em português como se fossem praças tresmalhadas desse mesmo piquete que retiniam ao corpo; ainda outros, talvez os mais numerosos, conseguiram insinuar-se pelas aberturas da linha de vigilância, cosidos com a terra, cobertos com a vegetação e a noite: agrupados depois estes traidores assaltantes junto à margem do Incomati, avançaram para a face direita do quadrado, na sua parte formada pelos pelotões de caçadores 3, para abrir uma pequena brecha na desprotegida muralha dos peitos humanos, que lhes já sentiam palpitar ao alcance das zagaías. Tudo isto foi instantâneo, mais pronto do que um grito de alarme. As tropas só se sobressaltaram ao distincto sem, já ali ao pé, um tropel de gente que vinha correndo e gritando: «*Camoradas, não façam fôgo! Camoradas angolas!*» e quando ouviram, mais longe, um tiro sóto e depois outros tiros, disparado o primeiro pelo cabo Domingos, de um dos postos, que teve tempo de saber que ia ser exterminado e quis morrer matando; mas ainda se não tinha percebido que gente era aquela e o que sucedera, quando um preto, que se deitara de bruços a sondar as trevas, reconheceu os revoltosos por terem os corpos nus, e clamou pressuroso: *São landins! São landins!* Responderam a este grito vozes vibrantes e comandos: troux a peça espalhando metralha, e em tôlas faces reluziam as descargas. Era tempo. Um balcão negro, que seguira os primeiros assaltantes, embatera rijamente na linha dos *angolas* e desabara sobre a segunda companhia de caçadores 2, que igualmente frottejava o norte; quasi simultaneamente pronunciava-se o ataque pelo lado do sul, n.º: também o inimigo se desemboscara do arvorelo espesso que orlava a borda do rio. O fragor do combate punha mêdo — contava o tenente Rocha, que tudo ouvira, sem nada ver, de bordo do *Bucandira* — e a pesar dos estampidos dos canhões e das descargas cerradas e contínuas de fuzilaria atordoaram como trovões ribombando dentro do ouvido, ainda lhes sobrevalando a gritaria infernal dos landins, tão medonha que fazia crer estar ali toda a selvajaria de Africa a estranhar aliante a minguada hoste portuguesa.

«A infantaria europeia aprou a investida do genito sem se abalar, com serenidade de veteranos. Cada soldado compreendia que só poderia salvar-se dispondo-se a morrer no seu posto. Mas os *angolas*, que receberam o primeiro, mais impetuoso e vigoroso choque, os seus momentos terríveis. Mais um golpe de gente que se engolfasse pela face rôta, e nem um mílgrge poderia reformá-la; se mais algumas zagaías fôsem revolver-se no ventre do quadrado violado, as filas combatentes seriam retalhadas pelas costas. Sem se lembrarem — felizmente — de que não havia exemplo de se salvarem quadrados arrombados, alguns oficiais, Caldas Xavier,



Gruta de Camões em Macau, que vai ser reproduzida nos jardins do Palácio de Cristal

Couceiro, Eduardo Costa, Raul Costa, Ornelas, Pinto, aitraram-se para a frente do rasão escancarado, exortaram os *angolas* desvaídos, empurraram-nos, levaram-nos, adiante de si a murro e à cutuada; ao mesmo tempo os landins que se haviam precipitado para dentro do valcão de fuzilaria foram num relance prostrados e mortos em heróicos combates corpo a corpo. Um dêles, quando ia a trespassar pelas costas o capitão Machado de artilharia, foi agarrado pelo impedido desse oficial, que, lhe arrancou das mãos a zagaia e o arrojou ao chão, onde o selvagem acabou às coronhadas; outro, que feriu no ombro o alferes de cavalaria de polícia António Manuel, se escapou ao tiro de revolver que lhe apontou o ferido, porque o tiro falhou, não escapou das balaionetas que logo ali o esfrangalharam; e como estes, outros valentes que haviam golpeado a baraca e a cama do major Ribeiro, não o golpeando também a flele porque nesse mesmo instante saíra da barraca; que tinham varado corpos de lato a lado, e espicacado uma praça caída de caçadores 3 com mais de vinte pontuadas, e ferido artilheiros junto dos reparos das peças, e pôsto a coluna tôla a ponto de se perder, caíram uns após outros atrás dos soldados europeus, que, sem voltar o rosto, continuavam impávidos a varrer com descargas as mangas compactas, que aqueles temerários chamavam em seu auxilio. Enquanto o quadrado assim devorava o ferro, todo que lhe entrara nas entranhas, também se lhe cosia a face dilacera-la. Junto do seu ângulo de sueste, abalou-se uma esquadra de infantaria de polícia, à voz do seu bravo capitão Roque de Aguiar, para socorrer os *angolas*, ainda desordenados, contendo as horras que cresciam sobre eles, e num soberbo arriano, que foi um dos mais gloriosos episódios do combate, levou adiante das balaionetas os landins espavoridos. Das praças desse corpo disse depois um oficial de estado-maior, bom crítico, que eram os melhores soldados portugueses; e é observado os no fogo e no quartel, nas marchas e nos bivaques. Favorecidos por este auxilio, impulsionados pelos oficiais, dominados por Caldas Xavier, que tinha brassas nos olhos, persuadidos pelo alferes Pinto, da guarnição da Africa Occidental, que bracejava diante dêles como um possesso falando-lhes ao brio na sua própria liguagem, os caçadores africanos recobriram ânimo, uniram-se, reformaram as fileiras, e então o quadrado recomposto, salvo, pôde oppor aos assaltantes linhas inintermittentes de fogo, tão vivo, tão nutrido, que os seus chãos abriam rasgos e enforas de dia avermelhada na penumbra da madrugada, e as suas detonações estremeciam a terra como referências reconditas dum valcão. Era terrivelmente belo!

«E' tão desnudado, tão único, este fenómeno de se reorganizar, sob a pressão do inimigo, um quadro já desmantelado, que se tem procurado para êle muitas explicações, extraordinárias, mas inverosímeis. O que se deve crer é que os grupos de revoltosos, incumbidos de surpreender os postos assuados e o próprio campo, distanciam-se de mais das mangas que os seguíam, e cujo impulso foi talvez atenuado pelo matagal e pelas trevas; deram assim tempo a que a fuzilaria e a metralha comesçassem a ver gastar essas mangas antes delas terem aproveitado a desordem dos *angolas*, e a maioria do genio que as compunha, surpreendida a seu turno por aquela tempestade de fogo, hesitou e, provavelmente, deitou-se no chão,

avançando para o quadrado apenas os guerreiros mais destemidos.

«Bem gritavam estes: *Avança landim! avança landim!* As grandes massas já não podiam afrontar, unidas, as descargas cerradas, e os magotes de bravos que se atrazavam para a frente calam mortos antes de poderem reñir-se aos primeiros e precipitados assaltantes. Se essas massas tivessem chegado alguns momentos mais cedo para empenhar também o combate corpo a corpo, não teria ficado vivo um soldado português; desde que se atrazaram e deram margem à intervenção das armas de fogo a vitória havia de ficar ao armamento europeu. Provavelmente, os revoltosos sofreram ainda mais susto do que estrago. Alguns dêles contaram depois que as balas eram tantas que pareciam chuva de pedra a apollar a folhagem, e que as famosas legiões do Matibejato, mirradas com a terra, resistiram a todos os esforços dos chefes para as fazerem erguer. *Avança landim! avança landim!*

«Mas se não avançaram mais, continuaram a dirigir de trás das árvores e das moitas um tiroteio vivo sobre a coluna. Tinham milhares de espingardas, abundância de munições; e fozmente, atiravam mal, quasi sempre demasiadamente alto. Ainda assim, as tropas sofreram novas baixas. Tão bastos choveram os projecteis que uma das quatro peças de montanha, a do tenente Taveira, recebeu à sua parte mais de seis, que deixaram furos e moiss no armão, na capa do trilho das rodas e na própria boca de fogo. Os carros do trem de comboio que ficavam esburacados. Praças houve que contaram nas mantas e nos capotes tantos orificios redondos que mal se compreendia que não tivessem mais alguns na pele. Todavia nem esse fogo intenso, nem as impressões deixadas pelo perigo supremo a tanto custo conjurado, abalaram a firmeza dos nossos soldados, a maioria dos quais nunca antes tinham ouvido zumbir uma bala, disparada por eles, ou contra eles. Recrutadas da véspera, as primeiras mascaras de pólvora queimada puseram-lhes divisas de veteranos.

«Pelas 6 horas o inimigo tinha-se retirado, tão surreitamente como se havia aproximado a coberto da vegetação espessa. Que silenciosas, mas que intensas acções de graças devem ter-se exalado então dos peitos ofegantes dos vencedores. Tanto se tinham julgado mortos que podiam bem considerar-se ressuscitados. Sim, era bem certo que viviam, mas grado tantos ferros de zagaia de que tinham sentido a friagem mortal, tantas balas que lhes haviam soprado nas faces; e tão vivos estavam que se sentiam ufanos de ter

combatido e vencido. Já ninguém ousaria chamar *covardes* aos soldados portugueses».

Solenizando essa data, a Agência Geral das Colónias, promove no dia 2 de Fevereiro no S. João-Cine uma sessão cinematográfica em que serão exibidos o filme *Dragões de Moçambique* e outras películas de carácter colonial.

E' um espectáculo a que, por certo, vão assistir todos os que se interessam pelos assuntos relacionados com a história e a vida das nossas colónias.

Os trabalhos rurais na Exposição

Durante a Exposição Colonial realizar-se-ão várias visitas de trabalhadores rurais dos vários concelhos de Entre-Douro-e-Minho e, possivelmente, de outros distritos do País ao Palácio das Colónias.

Em Braga, Pôrto e Viana do Castelo tra, balha-se activamente na organização destas visitas. Os grupos desfilarão pela cidade do Pôrto desde a Praça da República até ao recinto do certame, vestindo os seus trajes típicos, empunhando os seus instrumentos de trabalho e cantando as suas canções regionais.

O illustre oficial da Armada sr. Conde de Villas-Boas, que está dirigindo com amoroso interesse esta organização, escreveu os versos que adiante publicamos e que os vários grupos cantarão durante o desfile.

Esses versos terão a música do côro dos pastores da ópera *A Serrana*, de Alfredo Kcil.

“ULTRAMAR” FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA





Friso para as naves laterais de Ventura Júnior

CONCURSOS

para um restaurante de luxo,
um bufetê e um retiro popular

Suas bases

Na direcção da Exposição Colonial Portuguesa (Palácio de Cristal) está aberto o concurso para adjudicação da montagem e exploração dum restaurante de luxo e bufetê e dum retiro popular, nas seguintes condições:

A) — Restaurante de luxo e bufetê

1.º O restaurante de luxo ficará instalado nas dependências do Palácio das Colónias antigamente ocupado pelo restaurante do Palácio de Cristal, composto de uma sala de jantar uma sala de chá, copa, cozinha, cave, bufetê, gabinete reservados, terraços anexos *water-closet* e vestiários.

2.º Ao adjudicatário será concedida a utilização de todo o mobiliário e material pertencente a estas instalações que estejam em carga à data da adjudicação.

3.º O adjudicatário deve obrigarse:

a) A decorar as salas que ocupar com motivos coloniais submetendo o projecto de decoração à aprovação do Director Técnico.

b) A fornecer diariamente no restaurante almoço e jantar de mesa redonda ao preço máximo de 18500 por refeição, com o café compreendido.

c) A submeter a carta de vinhos à aprovação do Director Técnico.

d) A fornecer diariamente no bufetê à tarde e à noite, um serviço de chá e pasteleria aos preços correntes da cidade.

e) A organizar as refeições que fornecer bem como o serviço de chá em termos dignos de um restaurante de luxo os quais serão pormenorizadamente expressos no contrato de adjudicação com a forma de fiscalização a estabelecer.

f) A tomar a seu cargo o pessoal, água, luz e limpeza das dependências que ocupar.

g) A beneficiar o mobiliário e completar o material de que careçam para o seu exercício.

h) A submeter-se às disposições regulamentares que figuram no Regulamento Geral da Exposição.

i) A cuidar da apresentação do serviço aseo e pessoal nos termos que importam a um restaurante de luxo.

4.º A Direcção da Exposição obriga-se perante o adjudicatário:

a) A não fazer outra qualquer concessão para restaurante de luxo nos recintos da Exposição. Esta exclusão não abrange a concessão para o serviço de pratos típicos da cozinha colonial em qualquer pavilhão ou estabelecimento em que seja autorizado.

b) A entregar-lhe os serviços de banquetes oficiais a realizar no Palácio conforme as condições especiais a estabelecer.

c) A conceder-lhe os benefícios ou vantagens que obtiver na iluminação e consumo de água.

d) A referir o restaurante na sua propaganda.

5.º Constituem condições de preferência para a adjudicação.

Primeiro — A renda oferecida pelo concorrente.

Segundo — O valor do projecto de decoração.

Terceto — As vantagens oferecidas quanto à qualidade de serviço.

Quarto — O compromisso de utilizar pessoal indígena das colónias portuguesas no seu serviço.

B) — Retiro popular

1.º O retiro popular ficará instalado num dos talhões do Jardim, em terreno alugado pelo concorrente nas condições regulamentares.

2.º O concessionário deve obrigarse:

a) A construir a sua instalação segundo projecto aprovado pelo Director Técnico.

b) A fornecer refeições à lista ou mesa redonda nas condições de aseo, correcção e hygiene que lhes forem impostos e com géneros de boa qualidade.

c) A não explorar qualquer outra indústria que não seja a que lhe é adjudicada.

d) A tomar a seu cargo o pessoal, água luz e iluminação na instalação que ocupar.

e) A tomar a seu cargo o mobiliário e material de que carecer para o seu exercício.

f) A submeter-se às disposições regulamentares que figuram no Regulamento Geral da Exposição.

3.º A Direcção da Exposição obriga-se perante o adjudicatário:

a) A não fazer qualquer outra concessão para restaurante popular nos recintos da Exposição. Esta concessão não abrange a concessão para o serviço de pratos típicos

da culinária colonial em qualquer pavilhão ou estabelecimento em que seja autorizado.

b) A conceder-lhe os benefícios ou vantagens que obtiver na iluminação e consumo de água.

c) A referir o restaurante nos seus aúncios de propaganda.

4.º Constituem condições de preferência:

Primeiro — O valor do projecto de instalação.

Segundo — A renda oferecida pelo concorrente.

Terceto — As vantagens oferecidas quanto à qualidade de serviço.

Quarto — O compromisso de utilizar pessoal indígena no seu serviço.

Bases para concursos de várias concessões

Nos termos dos artigos 11, 62, 63 e 64 do Regulamento Geral da Exposição Colonial Portuguesa, estão abertos concursos para as seguintes concessões.

Cervejaria — Instalação em qualquer local dos jardins do Palácio de Cristal, com uma área anexa para colocação de mesas e cadeiras ao ar livre; venda de cerveja nacional a copo ou à garrafa e de mariscos ou quaisquer aperitivos correntes. A venda de cerveja só é concedida ao restaurante e retiro popular servida por ocasião das refeições, quando qualquer cliente a substitua pelo vinho ou água mineral, cinquenta cen-

tavos mais caro do que o preço de custo fixado na cervejaria.

Casa de chá — Instalação em qualquer local dos jardins, com uma área anexa para colocação de mesas e cadeiras ao ar livre, utilizando unicamente chá e açúcar nacional, sem venda de qualquer pasteleria.

Café — Instalação em local fixado pelo Director da Exposição, no mesmo género da casa do chá, para venda de café exclusivamente nacional, à chávena, utilizando açúcar nacional, sendo consentida a venda de cana ou aguardente nacionais.

Tabacaria — Instalação, em local fixado pelo Director da Exposição, para venda de tabacos, fósforos e lotarias de Portugal e das Colónias. Não será permitido vender tabacos em nenhuma das restantes concessões.

Fotografia — Instalação em qualquer local dos jardins, para exploração duma fotografia típica segundo plano previamente aprovado.

Barbearia — Instalação, em local fixado pelo Director, duma barbearia que poderá funcionar antes do horário da Exposição.

Engraxadaria — Instalação, em local fixado pelo Director duma engraxadaria, que poderá funcionar antes do horário da Exposição.

Livraria — Instalação em qualquer local dos jardins para venda de livros de carácter colonial, jornais e revistas. Ao concessionário é garantido o exclusivo, mas tem de obrigarse a aceitar consignações de qualquer editor ou particulares.

Loja de frutas — Instalação em local dos jardins para venda de *frutas exóticas* verdes, secas, ou conserva por vários processos, de origem nacional.

Balanças — Instalação em locais determinados pelo Director, até seis balanças para pesagem de pessoas.

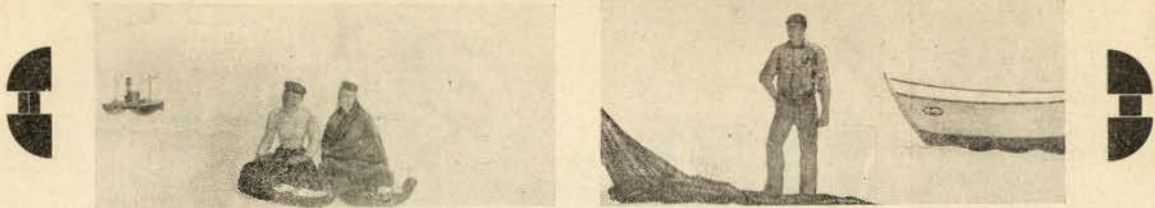
Quinquilharias — Instalações em locais determinados pelo Director, para venda ao público de quinquilharias das colónias: objectos de ouro, prata, marfim, ébano, coral, laca, madeira, barro, etc.; considerados como recordações do certame.

Estas concessões são reguladas quanto a fornecimentos de luz e água, pessoal, impostos e percentagens, pelos artigos 65, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76 e 77 do Regulamento Geral da Exposição.

A fiscalização das percentagens será ordinariamente feita por meio de caixas registadoras ou talões de recibos previamente visados.



Panneaux para a Nave Central do artista Abel de Moura



Frizes para as naves laterais de José Luiz Brandão

CONCURSOS DE Arte Colonial

Durante os meses de Julho e Agosto de 1934 realizar-se-ão no recinto da I Exposição Colonial Portuguesa (Pôrto) os seguintes concursos de arte Colonial.

- I — Pintura
- II — Escultura
- III — Arquitectura

As condições em que se realiza o concurso, são as seguintes:

1.ª — O concurso é limitado a artistas de nacionalidade portuguesa residentes na Metrópole ou nas Colónias, sobre assuntos, idéas ou motivos de carácter nitidamente colonial.

2.ª — Os artistas que desejarem concorrer deverão enviar por escrito, até 30 de Abril, ao Director Técnico da Exposição, uma declaração em que conste a sua inscrição como concorrente, a categoria em que se inscrevem e uma nota das obras com que concorrem, indicando as respectivas dimensões.

3.ª — A propriedade das obras apresentadas, premiadas ou não, pertence aos autores respectivos.

4.ª — É permitido aos concorrentes vender as suas obras durante o período de exhibição que precederá o concurso. Todavia o Estado terá sempre o direito de prioridade na compra e os autores não se poderão retirar antes de encerrada a Exposição.

5.ª — As obras devem ser entregues até 31 de Maio de 1934 ao Director Técnico da Exposição que delas passará recibo.

6.ª — Um júri constituído por dois artistas de reconhecida idoneidade, um colonialista e um homem de letras, sob a presidência do Director Técnico classificará, dentro de cada categoria, durante o mês de Agosto, as obras apresentadas a concurso.

7.ª — Das decisões do júri não há recurso.

8.ª — O Director Técnico, ouvido o parecer do júri, poderá recusar a admissão ao concurso às obras consideradas inferiores ou que por qualquer motivo não obedeçam às condições do concurso.

9.ª — São estabelecidos os seguintes prémios:

- I — **Pintura:** Diploma de honra de mil escudos à obra classificada em primeiro lugar. Diplomas de honra às obras classificadas em 2.º e 3.º lugar. Menções honrosas às classificações em 4.º, 5.º e 6.º lugares.
- II — **Escultura:** Diploma de honra e mil escudos à obra classificada em 1.º lugar. Diplomas de honra às obras classificadas em 2.º e 3.º lugar. Menções honrosas às obras classificadas em 4.º e 5.º lugares.
- III — **Arquitectura:** Diploma de honra e mil escudos ao melhor projecto

da «Casa para colono português em Africa». Diploma de honra e mil escudos ao melhor projecto de arquitectura monumental aplicável a grandes edificios públicos. Diplomas de honra aos 2.º e 3.º classificados de cada grupo.

Serão preferidas as obras que além de satisfazerem às condições architectónicas de segurança, simplicidade, conforto e valor artístico, compreendam a adaptação racional dos estilos portugueses ao meio africano.

10.ª — As dimensões das obras apresentadas nas categorias de Pintura e Arquitectura não deverão exceder dois metros quadrados de superficie.

11.ª — Todas as obras destas categorias devem ser apresentadas devidamente emolduradas.

12.ª — As obras serão recebidas em Lisboa na Agência Geral das Colónias (Rua da Prata, 34-1.º) até ao dia 20 de Maio ou no Pôrto, sede da Exposição, até 31 do mesmo mês.

Visit the Portuguese Colonial Exhibition Which will take place from June to September 1934

Portugal, most ancient of the actual colonizing countries, whose discoveries gave new worlds to the World, will present in its National Colonial Exhibition not only the results of its brilliant effort and modern activity, but also its very original colonizing methods, now

reorganized and strengthened by a national recovery policy, which constitutes an example in the agitated hours of crisis the world is going through.

When the international moment appears full of doubts and uncertainties, of disorganisation, disorder and powerlesse against the world crisis, Portugal, conscious of its greatness, has reorganized itself on the Continent and Colonies, where its policy has imposed order and discipline to the social, political, economical and financial life.

The Portuguese Colonial Exhibition will be a realization of the Portuguese state of mind, revived by the influence of the actual Government in its colonial work.



Mousinho de Albuquerque

The Exhibition will take place in the old and noble town of Oporto, the seconde city of the country situated in the heart of one of the most admirable touring zones and which gave its name to the wine renowned all the world over.

Visit the Portuguese Colonial Exhibition, which will take place from June to September 1934, in the most picturesque and characteristic city of Portugal, the sunshine country.

Visitez L'Exposition Coloniale Portugaise

qui aura lieu de Juin à Septembre 1934, dans la ville de Porto

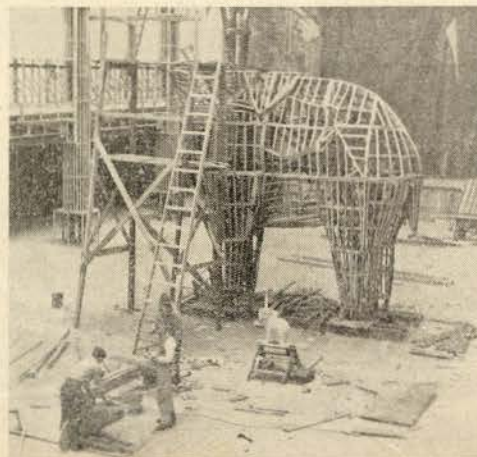
Le Portugal, le plus ancien des pays colonisateurs actuels, pays qui, par ses découvertes, a donné au monde des mondes nouveaux, présentera, dans son Exposition Coloniale Nationale, non seulement les brillants résultats de son effort et de son activité modernes, mais aussi ses méthodes coloniales si originales, réorganisées et mises en valeur par une politique de rénovation nationale pouvant servir d'exemple dans les heures critiques que le monde traverse.

Alors que le moment international s'offre à nous tout rempli de doutes et d'incertitudes, de désorganisation et de désordre, d'impuissance à résoudre la crise mondiale, le Portugal, pénétré du sens de sa grandeur, s'est réorganisé dans la Métropole et dans ses Colonies; il a, par sa Politique, imposé le bon ordre et la discipline — dans la vie sociale, politique, économique et financière.

L'Exposition Coloniale Portugaise sera une réalisation de l'esprit portugais, rénové par un Etat Nouveau, dans son oeuvre coloniale.

L'Exposition se réalisera dans l'ancienne et noble cité de Porto, deuxième ville du Pays, au centre d'une des plus admirables zones de tourisme, ville qui a donné son nom au vin universellement connu.

Visitez l'Exposition Coloniale Portugaise, qui aura lieu de Juin à Septembre 1934, au pays du soleil et dans la ville la plus pittoresque et la plus caractéristique du pays.



Monumental elefante que vai figurar num dos ângulos do Paldeto das Colónias



A próxima

Exposição Colonial Portuguesa

UMA INICIATIVA

que é, simultaneamente, dum grande alcance patriótico e económico

Numa vitalidade animadora e crescente, estão em marcha os trabalhos orgânicos para uma perfeita realização da Exposição Colonial Portuguesa, a efectuar em Junho próximo e que a esta cidade especialmente interessa, sobretudo, sob o ponto de vista económico.

Visando o objectivo simultâneo de demonstração de possibilidades das Colónias e da Metrópole para largo e intenso intercâmbio, tendo ainda em vista o louvável intuito espiritual de documentar o Passado e de contribuir, num Futuro próximo, para harmonizar as finalidades históricas com a Tradição, — a Exposição Colonial é um dos detalhes importantes do pensamento de unidade imperial, que vem sendo frisantemente executado pelo sr. dr. Armindo Monteiro, após a vitoriosa representação de Portugal Ultramarino no grandioso certame internacional de Vincennes.

Depois do sucesso alcançado pelo pavilhão Colonial Português em Paris, iniciou-se, em obediência ao traçado programa, a viagem a S. Tomé, Ilha do Príncipe, Angola e Moçambique. Essa jornada de inquérito e de observação directa, de estímulo patriótico, foi sem dúvida, um esforço notável, que tem agora a compensação resultados práticos. Por essa ocasião, conferindo a essa viagem interesse económico, efectuaram-se as Feiras de Amostras de Luanda e Lourenço Marques, que constituíram uma notável revelação. Foram uma certeza consoladora, uma animadora indicação dos recursos comerciais e industriais metropolitanos que, estimulados carinhosamente, logo tiveram campo de acção num desenvolvimento prometedora.

A poucos meses do regresso da sua viagem à África Portuguesa o sr. ministro das Colónias continuou a tomar medidas no sentido da unidade e expansão do Império Português.

Realiza-se a XXII.ª reunião do Instituto Internacional Colonial, em Lisboa, e nessa importante assembleia o sr. dr. Armindo Monteiro indicou as directrizes da nossa política ultramarina, — afirmações que foram citadas pelo duque de Brabante, em pleno Senado belga.

Houve, depois, as Conferências



Todos os valores económicos das Colónias e Metropolitanas prestam o seu concurso ao grandioso certame

É o consoldador registar o interesse que a realização da Exposição Colonial despertou na indústria e comércio de todo o País. A cinco meses de distância da sua abertura está esgotada a lotação para instalação de stands nas naveas do Palácio de Cristal e nos jardins que lhe ficam anexos.

É uma prova frisante que todos os portugueses compreenderam nitidamente o objectivo patriótico e o alcance económico dessa grandiosa manifestação nacional, que há de constituir uma bela e convincente lição cívica sob o ponto de vista moral, espiritual e económico.

Damos, a seguir, a lista dos expositores inscritos que, com os seus produtos, vão constituir um dos elementos de notável atracção do certame.

Adriano Ramos Pinto & Irmão, Avenida Ramos Pinto, Vila Nova de Gaia; Cortez, Pinto e Pimentel «Sanitas», Trav. do Carmo, n.º 1-1.º, Lisboa; Mesquita Pimentel, Rua Barão de S. Cosme, 53, Pórtio; A. A. Calem & Filho, L.da, Vila Nova de Gaia; Comp. Geral da A. das Vinhas do Alto Douro, Rua das Flores, 69, Pórtio; Sociedade Mercantil do Pórtio, Rua Santo Idefonso, 434, Pórtio; Agostinho Ricon Peres, Rua Cândido dos Reis, Pórtio; Diogo Barbot & C.ª, L.da, Rua Santo Idefonso, 306, Pórtio; Mário Navega, Rua do Freixo, 1448, Pórtio; A. Bisliã Limitada, Rua Passos Manuel, 46, Pórtio; Manuel Ferreira Gomes, Amadora, Lisboa; Guilherme Graham Júnior, Rua dos Clerigos, 6, Pórtio; Instituto do Vinho do Pórtio, Palácio da Bolsa, Pórtio; José Esteves Fraga, Rua da Piedade, 146, Pórtio; Companhia de Cimento Tejo, Praça da Liberdade, 53-2.º, Pórtio (insc. n.º 10); Companhia União Fabril Portuguesa, Rua da Piedade, 146, Pórtio; João Tomaz Cardoso & Filhos, Suc., L.da, Rua Sá da Bandeira, 92, Pórtio; Centro Industrial de Ferragens, L.da, Rio Meão, Paços de Brandão (representado por Francisco de Resende e Oscar Coelho, Rua Sá da Bandeira, 92, Pórtio); Fábrica de Branqueação e Acabamentos, L.da, Rua do Breiner, 86, Pórtio; Fábrica de Tecidos e Fiação do Campo Alegre, 490 (Santos Rosa), Pórtio; José António Cabral & Filhos, Avenida Meneses, Matozinhos; Casa Tomaz Cardoso, Rua Santa Catarina, 277, Pórtio; Joaquim José Ribeiro, Suc., Largo do Corpo da Guarda, 2, Pórtio; Companhia do Açúcar de Angola, Largo do Município, 32-1.º, Lisboa; Fábrica de Borracha Lusó-Belga de Vitor Cordier, L.da, Rua do Acúcar, 78, Lisboa; Ricardo Augusto Pereira, Rua da Alegria, 1037, Pórtio; Grandes Armazéns Nascimento, Rua de Santa Catarina, Pórtio; António Rosado Durão, Reguengos de Monsaraz, Alentejo; Companhia Rio Ave, Vila do Conde (representada por António Cândido Coelho e Manuel Alvares Viana, Rua Passos Manuel, 37, Pórtio); Sociedade dos Produtos Taipas, Rua Alexandre Herculano, 297, Pórtio (representada pelo capitão António Peres, Metalralladoras, 3); Instituto Metalúrgica da Fronteira, Travessa das Musas, 2, Pórtio (representada por Joaquim Martins Ferreira); Manuel Francisco da Costa, L.da, Rua José Falcão, Pórtio; Sociedade de Chá Oriental, Avenida da Índia, Lisboa; Fábrica de Fiação e Tecidos de A. J. da Silva Pereira, Familiar; Camisaria Confiança, Rua de Santa Catarina, Pórtio; Azevedo Soares & C.ª, L.da, Rua da Areosa, Pórtio; António Pereira Soares, Travessa de Cedofeita, 45, Pórtio; Companhia Agrícola e Comercial de Vinhos do Pórtio (Ferreirinha), Rua do Infante, 83, Pórtio; Manuel de Sousa Lopes, Rua do Teatro S. João, 23, Pórtio; Alfredo Moreira da Silva & Filhos, Rua do Triunfo, 5, Pórtio; António de Oliveira Borges, Avenida Rodrigues de Freitas, Pórtio; J. Carvalho & Irmão, Pórtio; Empresa Industrial de Sampedro, L.da, Rua Belmonte, 12-1.º, Pórtio; Santos & Filhos, Rua Oliveira Monteiro, 724, Pórtio; Fábrica de Artefactos Antropométricos, Rua França Borges, 82, Lisboa; Companhia Fabril do Cávado, Rua Passos Manuel, 24 (João Maria de Sousa Paiva), Pórtio; Fábrica de Tecidos Avenida, L.da, Avenida da Boavista, Pórtio; Adriano Sampaio Baptista, L.da, Rua Serpa Pinto, 544, Pórtio; Companhia Industrial de Fundição, Rua de S. João, 19, Pórtio; Consórcio de Chapelaria, Rua do Bom Jardim, 551-1.º, Pórtio; Empresa Têxtil da Caça, L.da, Rua Passos Manuel, 58, Pórtio; Fábrica de Tapetes de Beiriz, Calves, Póvoa de Varzim; Fábrica de Papel do Calma, Avenida dos Aliados, 107, Pórtio; Jornal «O Comércio do Pórtio», Avenida dos Aliados, Pórtio; Empresa do Cadeado «Atlas», Rua Heróis de Graves, 624, Pórtio; Extra-Fábrica de Marcenaria, Rua do Heroísmo, 133, Pórtio; J. Moita, Rua Soares dos Reis, Vila Nova de Gaia; Floriano Barandela, Rua Nova de S. Crispim, 329, Pórtio; Ourivesaria Aliança, Rua das Flores, 201, Pórtio; Fábrica das Antas, Rua da Vigorosa, 654, Pórtio; Fernando Barbosa & Irmão, Rua Anselmo Brancaamp, 505, Pórtio; Chapelaria Baptista, Rua Formosa, 285, Pórtio; Eduardo Ferreirinha & Irmão, Rua Boa Nova, 125, Pórtio; Oficina Metalúrgica Landolt, Avenida Camilo, 105, Pórtio; Empresa de Cimentos de Leiria, Rua Formosa, 297, Pórtio; Carlos Joaquim Tavares, Sucrs., Rua Joaquim António de Aguiar, 146, Pórtio; Companhia Arrozreira Mercantil, Rua da Reboreira, Pórtio; Sociedade Mercantil e Industrial, L.da, Rua Infante D. Henrique, 75-1.º, Pórtio; Companhia Fiação Portuguesa, Rua Fernão Magalhães, 1, Pórtio; Pimentas & C.ª, L.da, Rua do Almada, 167-1.º, Pórtio; Fábrica de Pentes, L.da, Rua Elísio de Melo, 28, Pórtio; Alvaro Rodrigues, Trav. Anselmo Brancaamp, 46, Pórtio; Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaça, Trav. da Fábrica, Pórtio; Companhia Fiação e Tecidos do Pórtio, Rua Fernão Magalhães, 53, Pórtio; Fábrica de Cortumes do Seminário, Avenida Baltazar Guedes, Pórtio; Fábrica de Fiação e Tecidos Rio Vizeira, Rua das Carmelitas, 26, Pórtio; A Alumina, L.da, Rua da Pastelaria, 219 (Lordele), Pórtio; A Empresa Electro Cerâmica, Vila Nova de Gaia; Artur Gonçalves da Silva, Rua 14 de Outubro, 245, Vila Nova de Gaia; Amílrio António Domingos & C.ª, Rua Justino Teixeira, 169, Pórtio; Sociedade Industrial Aliança, Rua Santos Pousa da, 340 (Oliveira Braga), Pórtio; Sampaio Ferreira & C.ª, L.da, Avenida dos Aliados, 66-2.º, Pórtio; Oliveira Ferreira & C.ª, L.da, Avenida dos Aliados, 66-2.º, Pórtio; Empresa Têxtil Eléctrica, L.da, Avenida dos Aliados, 66-2.º, Pórtio; Fábrica de Estamparia de Lavadores, L.da, Afurada, Lavadores, Vila Nova de Gaia; A Imperial Textil, L.da, Rua da Quinta Amarela, Pórtio; Santos & Lima, Rua Costa Cabral, Pórtio; Portucalense Editora, L.da, Rua D. António Barroso, Barcelos (representante Eleanório Cerdeira, Rua do Bolhão, 59, Pórtio); A Primorosa, L.da, Trav. da Paz, 22, Pórtio; A. C. da Cunha Moraes, L.da, Crestuma, Vila Nova de Gaia; Brandão & C.ª, L.da (Lino Brandão), Ovar; Ernesto Augusto Grilo, Rua Aliança, 54, Pórtio; Santa Casa da Misericórdia, Rua de Nova Cintra (Dr. Vasconcelos e Sá), Pórtio; Companhia Fabril de Salgueiros, Rua da Constituição (Abílio Soares), Pórtio.

(Continua.)

dos Governadores Coloniais, facto pela primeira vez sucedido entre nós, e que a França, compreendendo o alcance dessa medida, seguiu com o mesmo objectivo.

Do resultado dessas assembleias saiu a Carta Orgânica, documento único para todos os domínios ultramarinos, estabelecendo os princípios reguladores do funcionamento do ministério das Colónias, dos Governos Coloniais e dos Conselhos dos Governos. Nessa ocasião, promoveu-se a Reforma Administrativa organizando-se o quadro dentro do qual é possível desenvolver-se ordenadamente uma obra de fomento.

O Ultramar tem de ser o objectivo permanente do pensamento nacional. E nesta conformidade tratou-se também de nacionalizar as pautas ultramarinas com o fim de promover um estímulo à produção nacional, facilitando-lhe um mercado de exportação que, sem dúvida, absorverá, num futuro próximo, todas as nossas capacidades. Servindo de base a essa ideia, criaram-se ultimamente as Casas da Metrópole em Luanda e Lourenço Marques, que servirão de mostruários e fornecerão indicações precisas no sentido da boa colocação dos nossos produtos e ainda se instituiu a do Ultramar em Lisboa e Pórtio para exposição convincente da produção colonial.

Segundo numa trajectória de expansão económica decretou-se a protecção aos produtos e matérias primas coloniais na Metrópole, — medida representativa de homenagem ao trabalho ignorado e esforçado do colono. É mais um passo para o desafio da situação económica das nossas províncias ultramarinas.

O sr. ministro das Colónias preocupa-se em solucionar o decantado problema das transferências para o que instituiu um fundo de maneo, que pode constituir uma in thoria ao esperada *desideratum*.

Todas estas medidas, tendem a formar um ambiente de crédito, reclamando para as nossas colónias a atenção carinhosa de todos.

O sentimento colonial que tanto tem andado arredado da alma popular pela falta de demonstrações convincentes será criado agora com a Exposição Colonial que dará, graças à sua inteligente organização e esclarecidos elementos de que dispõe, uma expressiva lição, ao passo que trará para o Pórtio e para o Norte do País, largos benefícios.

(De O Primeiro de Janeiro).



EXPOSIÇÃO COLONIAL
PORTO JUNHO 1934